

Índice

Livro Primeiro: O Príncipe	7
Livro Segundo: A Princesa	275
Posfácio	515

LIVRO PRIMEIRO

O Príncipe

Primeira Parte

I

Quando pensava nisso, o príncipe reconhecia que sempre gostara da sua Londres; era um daqueles romanos modernos que encontram junto ao Tamisa uma imagem mais evocadora do antigo estado do que a de qualquer outra deixada junto ao Tibre. Criado com a lenda da cidade à qual o mundo prestava homenagem, reconhecia-lhe as dimensões reais na Londres actual muito mais do que na Roma contemporânea. Se fosse questão de um *imperium*, dizia para consigo, e se uma pessoa desejasse, como romano, recuperar um pouco este sentido, o local ideal era na Ponte de Londres, ou até, naquela bonita tarde de Maio, em Hyde Park Corner. No entanto, não era para esses locais que os motivos da sua predilecção, motivos afinal suficientemente vagos, tinham, no momento em que nos ocupamos dele, guiado os seus passos. Vagueava simplesmente por Bond Street, onde a sua imaginação, trabalhando num raio relativamente curto, o obrigava a parar de vez em quando diante de uma montra onde objectos compactos e pesados, de prata e de ouro, aos quais as pedras preciosas davam forma, ou objectos de couro, de aço, de bronze, aptos a mil usos e abusos, estavam tão amontoados como se, na insolência do Império, tivessem sido o fruto de pilhagem de conquistas distantes. Os movimentos do jovem, contudo, denunciavam uma atenção dispersa — até mesmo quando era atraído pelas perspectivas dos rostos sombreados por enormes chapéus guarnecidos de fitas com os quais se cruzava no passeio, ou tingidos ainda mais delicadamente sob a seda esticada dos guarda-sóis seguros em

ângulos provocantes do alto das suas vitórias imobilizadas. E a distração do príncipe era bastante sintomática, pois, embora a estação já tivesse mudado e nas ruas houvesse menos movimento, as perspectivas oferecidas pelos rostos, naquela tarde de Agosto, continuavam a ser uma característica da cena. Na realidade, estava demasiado inquieto para concentrar o seu interesse, e a última ideia que lhe teria ocorrido naquele momento seria a de perseguir uma mulher.

Havia seis meses que se entregara a uma perseguição como nunca tinha feito na vida e, no momento em que o conhecemos, o que o perturbava era a sensação de ter sido bem-sucedido. A captura coroara a perseguição, ou como ele teria dito, o sucesso recompensara a virtude; e a consciência de tudo isto, por enquanto, inspirava-lhe mais seriedade do que alegria. Uma sobriedade que seria mais própria do fracasso lia-se no seu rosto bonito, um rosto de feições regulares e graves, mas que uma singularidade de expressão tornava ao mesmo tempo quase radiante, com os seus olhos azul-escuros, o bigode castanho-escuro e aquele ar que causava por vezes a observação superficialmente feliz de que não parecia aos ingleses mais “estrangeiro” do que um irlandês “distinto”. O acontecimento que o perturbava fora que, pouco antes, às três da tarde, o seu destino tinha sido praticamente selado e, mesmo que se pretendesse que não havia qualquer motivo de queixa, o momento continha algo da inflexibilidade de uma chave ruidosa na mais forte fechadura que se pudesse imaginar. Não havia mais nada a fazer por enquanto, senão sentir o facto consumado, e a nossa personagem sentia-o enquanto vagueava sem objectivo. Era como se estivesse já casado, pois os solicitadores, às três horas, tinham definitivamente permitido que a data fosse fixada e esta estava próxima. Devia jantar às oito e meia com a jovem em cujo nome e em nome de cujo pai os advogados de Londres tinham concluído um acordo perfeito com o representante do príncipe, o pobre Calderoni, acabado de chegar de Roma e que agora, aparentemente, antes de partir em breve, beneficiava do privilégio de “visitar Londres”, guiado pelo próprio Mr. Verver, o Mr. Verver que, com a sua atitude generosa em relação aos seus milhões, avaliara a um mínimo, no acordo, o princípio da reciprocidade. A reciprocidade que naquele momento mais espantava o príncipe era a de Calderoni aceitar de Mr. Verver a sua companhia para ver os leões. Se havia nestas circunstâncias algo no mundo que o jovem tencionava honestamente, era mostrar-se muito mais decente como genro do que se tinham mostrado neste papel muitos rapazes que ele conhecia. Pen-

sava em inglês naqueles rapazes, dos quais tencionava distinguir-se mentalmente, usava o termo inglês para descrever a sua diferença, pois, familiarizado com a língua desde a mais tenra idade de tal modo que não se distinguia qualquer estrangeirismo nem na pronúncia nem na gramática, achava o inglês cómodo no dia-a-dia para a maior parte das relações. Achava-o cómodo, estranhamente, até na sua relação com ele próprio, embora tivesse consciência de que, à medida que o tempo passava, talvez houvesse outras relações, incluindo a de um grau mais íntimo com ele próprio, que exigiriam, talvez com violência, a efusão maior, ou quem sabe, mais subtil, da sua língua materna. Miss Verver dissera-lhe que ele falava inglês demasiado bem — era o seu único defeito, e ele não tinha sido capaz de falar pior, nem para lhe agradar. “Quando falo pior, sabe, falo francês”, dissera ele; sugerindo, deste modo, que havia situações, certamente odiosas, para as quais esta língua se prestava mais. A rapariga tomara isto, segundo lhe disse, como um comentário ao seu francês, que sempre sonhara melhorar, aperfeiçoar; para não falar da convicção evidente do príncipe de que o idioma exigia uma esprezeza de que ela não era pessoa para se mostrar à altura. A resposta do príncipe a este comentário — jovial, encantadora, como todas as respostas que sempre dera aos seus parceiros nos recentes acordos — fora que estava a treinar o americano de modo a conversar convenientemente, em pé de igualdade por assim dizer, com Mr. Verver. O seu futuro sogro possuía um domínio do americano que, disse, o punha em desvantagem em qualquer discussão; além disso, bem, além disso, fizera uma observação à rapariga que sem dúvida, de todas as que já lhe tinha feito, mais profundamente a tocara:

— Sabe que o considero um *verdadeiro galantuomo*. Sem dúvida. Encontram-se falsos por todo o lado. Para mim, parece-me simplesmente o melhor homem que vi em toda a minha vida.

— Mas, meu caro, porque não haveria de ser? — perguntara-lhe a rapariga, com jovialidade.

Tinha sido precisamente isto que fizera o príncipe pensar. Os elementos, ou muitos deles, que tinham feito de Mr. Verver o que ele era, pareciam praticamente acusar de desperdício os outros elementos que não conseguiram atingir este resultado noutras pessoas que o jovem conhecia.

— Bem, o seu “estilo” — respondera ele — poderia fazer-nos duvidar.

— O estilo do pai? — Ela nunca tinha reparado. — Parece-me que ele não tem estilo próprio.

— Não tem o meu... nem sequer tem o seu.

— Obrigada pelo “nem sequer”! — disse a rapariga, rindo.

— Oh, o seu, minha querida, é tremendo. Mas o seu pai tem um estilo próprio. Já percebi isso. Por isso não duvide. Na realidade, é isso que o faz realçar.

— A bondade dele é que o faz realçar — protestou, nesse momento, a nossa jovem.

— Ah, minha querida, a bondade, creio eu, nunca fez realçar ninguém. A bondade, quando é verdadeira, precisamente, tende a manter a pessoa na sombra. — Ele gostara desta distinção, que o divertia. — Não, é a sua *maneira de ser*. Que lhe é muito própria.

Mas ela continuava espantada.

— É a maneira de ser americana. É tudo.

— Exactamente, é tudo. É tudo, digo eu! Assenta-lhe perfeitamente, por isso deve servir para alguma coisa.

— Acha que lhe serve a *si*? — perguntara Maggie Verver, sorrindo. A este comentário, a resposta dele fora das mais felizes.

— Não me parece, minha querida, se quer mesmo saber, que neste momento muita coisa me possa magoar ou me ajudar, tal como eu sou, mas isso verá com os seus próprios olhos. Digamos, no entanto, que *sou* um *galantuomo*, o que espero sinceramente ser: na melhor das hipóteses, sou como um frango cortado e besuntado de molho, cozinhado como *creme de volaille*, e cuja metade ficou de fora. O seu pai é uma ave inteira, a correr pela *bassecour*. As suas penas, os seus movimentos, os seus sons são as partes que, no meu caso, foram deixadas de fora.

— Ah, com certeza, visto que não se pode comer um frango vivo!

O príncipe não se incomodara com isto, mas afirmara:

— Bem, eu como o seu pai vivo, que é a única maneira de o saborear. Quero continuar a fazê-lo, mas é quando ele fala americano que *está* mais vivo, por isso tenho de cultivar a língua para poder tirar o máximo prazer. Nenhuma outra língua faria dele o que ele é.

Pouco importava que a rapariga continuasse a levantar objecções — fazia-o apenas por prazer.

— Acho que ele o faria gostar dele em chinês.

— Seria um esforço desnecessário. O que eu quero dizer é que ele é uma espécie de resultado do seu tom inevitável. É precisamente do tom que o caracteriza que eu gosto.

— Oh, há-de ouvi-lo muito, antes de acabar connosco — disse ela, rindo.

Na verdade, só isto o fez franzir um pouco o sobrolho.

— O que quer dizer, por favor, com “acabar” convosco?

— Descobrir sobre nós tudo o que há a descobrir.

Foi-lhe fácil entender isto como uma brincadeira.

— Ah, meu amor, foi por aí que *comecei*. Penso que sei o suficiente para nunca me surpreender. Pelo contrário, vocês é que não sabem nada de mim — continuou. — Eu tenho dois lados. — Sim, tinha sido forçado a continuar. — Um dos lados é feito da história, dos feitos, dos casamentos, dos crimes, das loucuras, das *bêtises* sem limites das outras pessoas, especialmente do infame desperdício de dinheiro que poderia ter vindo para mim. Estas coisas estão escritas, literalmente, em filas de volumes nas bibliotecas; são tão públicas como são abomináveis. Toda a gente tem acesso a elas, e vocês dois, maravilhosamente, encararam a coisa de frente. Mas há outro lado, muito mais pequeno sem dúvida, que, tal como é, representa o meu próprio ser, a minha personalidade desconhecida, sem importância; sem importância, excepto para *si*. Sobre isto, ainda não descobriu nada.

— Felizmente, meu querido — respondera a rapariga, corajosamente —; senão, diga-me por favor, que seria da ocupação que o meu futuro promete?

O jovem lembrava-se, ainda agora, da extraordinária *clareza* — não podia descrevê-lo de outra forma — com que a rapariga, com a sua graça, dissera estas palavras. Também se lembrava do que fora impellido a responder.

— Sempre nos ensinaram que os reinos mais felizes, sabe, são aqueles que não têm história.

— Oh, não tenho medo da história! — Ela dissera-o sem qualquer dúvida. — Chame-lhe o seu lado mau, se quiser, mas não há dúvida de que a sua realça à vista. Não foi isso que em primeiro lugar me fez pensar em *si*? — juntara também Maggie Verver. — Não foi, como suponho que sabe, aquilo que chama a sua personalidade desconhecida, o seu próprio eu. Foi sim as gerações antes de *si*, as loucuras e os crimes, a pilhagem e o desperdício, o papa malvado, o maior monstro, de que falam tantos dos volumes da sua biblioteca de família. Só li dois ou três, mas assim que tiver tempo, entregar-me-ei à leitura do resto. Que seria de *si* — insistira ela — sem os seus arquivos, anais e infâmias?

A esta pergunta, ele lembrava-se de ter respondido com gravidade:

— Talvez me encontrasse num situação pecuniária um pouco melhor.